

A SOLIDÃO E O VAZIO: EXPECTATIVA DO “OUTRO” EM LUIZ VILELA

LONELINESS AND EMPTINESS: THE EXPECTATION OF THE “OTHER” IN LUIZ VILELA

Eliza da Silva Martins Peron
(UFMS)¹

RESUMO: O presente artigo tem como escopo tratar a questão da solidão e do vazio nos contos “Zoiuda” e “O Bem”, da obra *Você Verá* (2014), de Luiz Vilela, discutindo de que maneira tais assuntos se inscrevem, se configuram e significam na tessitura dos textos. Estudos sobre o ficcionista mineiro apontam a recorrência temática da solidão e do vazio como elementos comuns ao fazer literário do escritor, assim como ressaltam o tema da

¹ Doutoranda em Letras/Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, (UFMS/CPTL). Técnica de Nível Superior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Nova Andradina). CEP: 79750-000. Rua Walter Hubacher, 138 – Centro. Nova Andradina – MS. E-mail: elizamperon@gmail.com

incomunicabilidade nas relações humanas que permeia as entrelinhas dos contos do autor. Embasados na investigação dos pesquisadores Wania de Sousa Majadas (2011) e Rauer Ribeiro Rodrigues (2006) sobre a obra de Luiz Vilela, nos estudos concernentes à solidão, em específico na definição proposta por Antônio Houaiss (2003), os sentidos de vazio definidos por Chevalier & Gheerbrant (2015), à fragilidade das relações humanas, apresentada por Marshall Berman (2007), e no estudo do “Outro” de Tzvetan Todorov (2003) e Zygmunt Bauman (2003; 2007), deslindamos de que maneira a incomunicabilidade, o vazio e a solidão compõem o mote para o encontro com o outro nos contos de Luiz Vilela.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira, Ficção Contemporânea, Incomunicabilidade, O outro.

ABSTRACT: The presente article has as porpose to investigate the question of the loneliness and emptiness in the short stories “Zoiuda” and “Bem”, of the book *Você Verá* (“*You will see*”) (2014), of Luiz Vilela, arguing how these subjecties are inscribed, configured and signified in the texts. Studies about the fiction writer of Minas Gerais State point the recurrence of the themes loneliness and emptiness as common elements of the literary doing of the author, as well as stand out the question of incommunicability in the human relations that permeates the short stories of the writer. We based on investigations of the researchers Wania de Souza Majadas (2011) and Rauer Ribeiro Rodrigues (2006) about the Luiz Vilela’s work, on the studies concerning the loneliness, specifically in the definition of Antonio Houaiss (2003), the senses of emptiness defined by Chevalier & Gheerbrant (2015), the weakness of human relations presented by Marshall Berman (2007), and the study of the “Other” de Tzvetan Todorov (2003) e Zygmunt Bauman (2003; 2007), to order to demarcate how the incommunicability, the loneliness and emptiness compound the mot to the meeting with the other in the short stories of Luiz Vilela.

KEYWORDS: Brazilian Literature, Contemporary Fiction, Incommunicability, The Other.

Introdução

Fábio Lucas (2011, p. 9-12), no prefácio da obra *O diálogo da compaixão na obra de Luiz Vilela*, de Wania Majadas, ao tratar do drama amoroso dos personagens masculinos que permeia a obra de Proust e Vilela, expõe a forma com que a “[...] a conduta amorosa [dos personagens] é presidida pelas perguntas embaraçosas e humilhantes: sou capaz de amar alguém? é (sic) possível alguém me amar?” (LUCAS, 2011, p. 12 – grafado como no original).

Intrigados pela reflexão de Fábio Lucas (2011), realizamos leitura de várias narrativas de Luiz Vilela e verificamos na poética do escritor mineiro a recorrência da impossibilidade do amor em razão do vazio que a solidão provoca e pela incomunicabilidade humana. No caso em tela, refere-se à falta de afeto, de ternura ensejados pela ausência de se ter alguém para compartilhar bons ou maus momentos.

Para demonstrarmos de que maneira a temática da solidão e do vazio é configurada nas personagens da ficção de Luiz Vilela, tomamos como *corpus* de análise os contos: “Zoiuda” e “O Bem”, do livro *Você Verá* (2014). Esclarecemos que pela extensão de um artigo, examinamos apenas dois contos do escritor. No entanto, tal perspectiva de estudo pode ser ampliada para as demais obras do autor.

No *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos* (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2003), o verbete “solidão” apresenta três acepções: insociabilidade, isolamento e retiro. Vejamos os sinônimos (*s.*) e antônimos (*a.*) dos termos: a) insociabilidade: *s.* “antropofobia, introversão, misantropia, retraimento” / *a.* “antropofilia, sociabilidade, trato”; b) isolamento: *s.* “apartamento, exílio, incomunicabilidade, insulamento, separação, soledade, solidude” / *a.* “acompanhamento, coletividade, companhia, comunidade”; c) retiro: *s.* “descampado, deserto, desterro, eremitério, ermo, exílio,

intermúndio, soledade” / *a.* “povoação, povoado”. (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2003, p. 624). O conjunto de significações referentes a palavra “solidão”, sejam sinônimas ou antônimas, permeia os contos “Zoiuda” e “O Bem”, de Luiz Vilela, especialmente os vocábulos “insociabilidade”, “retraimento”, “apartamento”, “exílio”, “incomunicabilidade”, “separação”, “solitude”. Além disso, parece-nos que no jogo dos contrários entre a solidão e estar ou não acompanhado, há íntima correspondência.

Para explicitar essa afirmação elencamos algumas expressões, sejam elas antônimas ou sinônimas, que estão presentes, veladamente, na urdidura das narrativas. A primeira, trata-se do apartamento, uma vez que nos dois contos as personagens masculinas são seres solitárias, mesmo diante da convivência com outras pessoas. Por outro lado, assinalamos o isolamento e o desejo de retrair-se no conto “Zoiuda”.

Observamos, também, a falta de coletividade predominante no conto “O Bem”, pois na narrativa cada uma das personagens procura-se mutuamente, embora o façam com a finalidade de obter benefícios em prol de si mesmos. Importa-nos ainda para a análise dos contos, a expressão “convivência”, pois o contrário dela é exatamente a falta de convívio observada nas entrelinhas dos dois contos, assim como constitui elemento comum do fazer literário de Vilela, que arquiteta, metaforicamente, na construção narrativa a incomunicabilidade das relações humanas, o trato uns com os outros.

Rauer Ribeiro Rodrigues (2006, p. 291), pesquisador e especialista da obra de Luiz Vilela, elenca, entre tantas, como estratégia narrativa do escritor mineiro “[...] a representação do cotidiano de pessoas comuns; a atmosfera rarefeita que se aproxima da crônica literária; o silêncio; a crise de comunicação”. O referido estudioso, em sua tese de doutorado, também enumera algumas críticas literárias cuja temática da solidão constitui a tônica, a verve reflexiva de tom existencialista corporificada na figura das personagens criadas pelo autor.

Retiramos da tese de Rauer Rodrigues duas apreciações de críticos, extraídas do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, de 1967, que qualificam os personagens criados pelo contista mineiro como “personagens que transitam entre a solidão e o desejo (SAMPAIO *apud* RAUER, 2006, p. 27) e que “Vilela analisa o homem em profundidade, denunciando-lhe, [...], a tremenda solidão e a procura de comunicar-se” (WERNECK *apud* RAUER, 2006, p. 27).

Deste modo, as narrativas de Luiz Vilela revelam, intrinsecamente, as angústias contemporâneas por meio de paradoxos, como, por exemplo, entre o desejo e o medo dos personagens em amar, mesmo imersos em sua própria solidão. No entanto, resta sempre a esperança de que as relações humanas possam se consubstanciar na companhia entre os homens. Expectativa perdida diante do egoísmo inerentes aos seres humanos chafurdados em sua própria arrogância.

Cumpramos ainda destacar que o vazio interior desses personagens somados à solidão constitui os elementos dos quais deriva a incomunicabilidade nas relações humanas, temas presentes nos contos que serão analisados nos subtópicos abaixo.

O vazio e a solidão em “Zoiuda”

No conto “Zoiuda” encontramos a figura de um professor solitário e desiludido, que, embriagado pelo álcool, passa por um momento epifânico quando se depara a noite com uma lagartixa na parede, instante em que passa a ver o animal com outro olhar.

No segundo dia quando se defronta com a lagartixa, o homem batiza-a de “Zoiuda”, alcunha certa, posto serem os olhos dela que se ressaltam no corpo esguio, alongado e comprido. Dar-lhe um nome é significativo diante da necessidade de nominar o ente, recurso esse propício a criar cumplicidade entre o ele e o réptil, constituindo elemento importante nessa relação. Afinal,

nomear expressa identidade, conduz à possibilidade do homem em contatá-la.

O fato é que, a partir da nova percepção do homem favorecida pela epifania, o réptil ganha vida, pensamentos, tornando-se impossível a ele pensar sua rotina sem a presença dela no começo de cada noite. Ela é a sua nova rotina.

Se lhe era comum sair para beber todos os dias, o desejo de encontrar a lagartixa, ao chegar em casa, passa a ser ainda maior que a necessidade dos copos de bebida e os divertimentos proporcionados à mesa do bar. Não lhe era mais tão agradável o copo cheio até a borda e os parceiros de bebidas, pois percebe que esses nunca foram capazes de lhe preencher “os vazios”. Ao contrário, a presença do insignificante animal, a partir desse encontro fortuito, passa a ser o momento mais aguardado do dia.

Com o passar dos dias, a presença da amiga lagartixa passa a ser mais atraente que o tédio com os amigos no bar. Mesmo a indelével imagem do animal o faz isolar-se:

Na terceira noite, domingo – o mesmo bar e os mesmos amigos e as mesmas conversas e bebidas –, ele, num momento de quase convulsivo tédio (“isso mesmo, convulsivo tédio”), lembrou-se de Zoiuda, isolando-se por alguns minutos do ambiente ao redor, um leve sorriso lhe aflorando aos lábios. (VILELA, 2014, p. 8).

A partir do primeiro encontro com a lagartixa, o professor abre os olhos para situações corriqueiras nunca antes percebidas. Sua simples presença é de consumação do insólito: agora ele não é mais um homem sozinho a conversar com seus botões, tem uma parceira, uma amiga, uma confidente, ao passo que esse fato acentua o tédio e o retraimento com os amigos, fazendo-lhe perceber da rotina enfadonha que o consumia.

Desse modo, a presença súbita da lagartixa modifica o homem

e seu modo de ver o mundo. Altera-se, também, o ponto de vista deste homem em relação ao animal. O réptil passa a ser “caçado” para conversar, discutir, ou mesmo ficar calado, pensando talvez em nada. A lagartixa deixa de ser um simples animal esbranquiçado, é uma amiga ou, até mais – um ser para quem o homem conta seus dramas, medos e anseios.

De acordo com Wania de Sousa Majadas, o tema das relações humanas e da solidão é recorrente na produção de Luiz Vilela, isto é, “do eu dividido, a desintegração do ser, a tentativa de resgate dos sonhos da infância e a compaixão” (MAJADAS, 2011, p. 18).

Pautados nesse excerto, após a observação lírica e contundente da vida, o narrador insinua aos leitores, desde o “primeiro encontro” entre o homem e a lagartixa, que aspectos aparentemente banais revelam sujeitos fragmentados, esfacelados pela melancolia e pelo tédio de cada dia. Embora tais temas sejam tecidos artisticamente com graça e humor.

Da ironia desse encontro advém a leveza que incide na vida do professor após o réptil fazer parte de seu cotidiano, fato perceptível por meio da conversa entre o professor e uma amiga na mesa do bar:

“O que foi?”, perguntou a amiga que estava a seu lado, na mesa. “Estou lembrando da Zoiuda”, ele respondeu. “Aquela dos nossos tempos de faculdade?”, perguntou a amiga. “Não”, ele disse, é outra; essa eu acho que nem chegou a prestar o vestibular...”(VILELA, 2014, p. 8).

Assim, à medida em que a convivência com Zoiuda se intensifica, o homem se torna mais leniente e debochado diante dos fatos da vida. A brincadeira e a ironia com a figura do animal, que, é claro, nunca chegaria sequer a prestar o vestibular, prenunciam um antropomorfismo que gradativamente se exacerba no decorrer das páginas.

Retomando à história, a princípio, o homem apenas se depara com a lagartixa na parede de sua casa. Após, dá-lhe um nome. No outro dia, no bar, confia a lembrança e a saudade da lagartixa a uma amiga e aflora-lhe no rosto um sorriso à simples lembrança do réptil e, de forma tímida, revela nas entrelinhas uma espécie de amor a lhe preencher o vazio. Portanto, um querer bem por esse ser invertebrado, sentimentos devotados apenas aos seres humanos, aos entes queridos, esses, de carne e osso.

Após a noite no bar, retorna para casa e brada pelo réptil em voz alta, nomeando-a “Zoiudinha”. Assim o leitor pode inferir a partir do uso do vocábulo diminutivo, a afetividade que emana do apelido carinhoso, além de sugerir uma relação mais próxima entre ambos.

Porém, o primeiro desassossego do homem acontece nesse exato momento, pois “Zoiudinha” não está na parede como lhe é habitual: “Como em quase todas as noites, foi direto à cozinha. Mas... Zoiuda não estava lá. Não estava. Ficou meio decepcionado. Tinha certeza de que...” (VILELA, 2014, p. 9)

O episódio da ausência de Zoiudinha induz o homem a devanear sobre o sexo da lagartixa. Começa a pensá-la como mulher, atribuindo-lhe e comparando o fato da mesma não estar na parede a comportamentos comuns ao mundo feminino (em quem, de acordo com o narrador, não se pode confiar):

Chamou-a – uma vez, duas, três –, esperando que ela, ouvindo sua voz, aparecesse, vinda lá de fora, da área ou até do paredão do prédio. Mas ela não apareceu.
“Essas mulheres...” disse. “A gente não pode mesmo confiar...”
(VILELA, 2014, p. 9).

Passada a decepção anterior e os inevitáveis pensamentos e elucubrações sobre o réptil ser fêmea, ou macho, o professor se

acha meio maluco e resolve trocar a noite de bebedeira após o serviço (a mesmice) pela (idiotice) de ficar em frente à TV. No entanto, o novo hábito de ficar sem a lagartixa desaparecida na noite anterior é substituído pela alegria e surpresa de, ao se levantar para pegar água na cozinha encontrar-se novamente com ela: “”Zoiuda!”, exclamou, com alegria de um menino; “você está aí!...””(VILELA, 2014, p. 10).

Importante ressaltar o contentamento do homem quando vê a lagartixa, o que contrasta com a indiferença da nova moradora, pois essa, ao contrário dele, não esboça em nenhum momento reação sequer parecida com os novos sentimentos que nele incendeiam, posto ser um animal irracional: “[...] como sempre permaneceu impassível” (VILELA, 2014, p. 10).

Porém, um feixe de esperança lhe perpassa o coração e lhe embota a mente – na expectativa de que ela sinta o mesmo que ele: “[...] ou lá dentro, àquela hora, o minúsculo coração também estaria batendo um pouquinho mais forte?...” (VILELA, 2014, p. 10). Declarações à parte, as “constantes aparições e desapareções” da lagartixa, o levam até mesmo a comparar o sentimento de amor devotado à mãe, ao amor pelo réptil “ — ‘Zoiuda, tirando minha mãe, você é a única criatura que eu amo hoje no mundo ’” (VILELA, 2014, p. 11).

O final do conto revela e resalta ainda mais a solidão da personagem. Após ausentar-se por uma semana da casa, o professor, ao retornar, percebe que a lagartixa havia partido, deixando os “[...] fins de noite do professor um pouco mais tristes” (VILELA, 2014, p. 11). É nesse momento em que há a coroação de seu estado solitário porque a ausência do réptil exacerba ainda mais o vazio, esse majorado pelo estado de abandono e solidão. E aquela vida já triste, mecânica e sem sentido, fica ainda mais triste pelo fenecimento da relação porque: “Zoiuda passou a ser para ele uma... uma espécie de companhia” (VILELA, 2014, p. 11).

Contrato Tácito no conto “Bem”

Vejam agora de que maneira o elemento solidão manifesta-se no conto “O Bem”. A diegese relata a história de Stanislaw, personagem e narrador, e Bem, um encanador. Entre eles há algumas semelhanças, sendo uma delas, o fato de não serem chamados pelo nome, mas sim pelo apelido. O personagem Bem, na verdade, é Astrogildo. A esposa lhe chama, por vezes, de Astro, outras de Gildo. Igualmente, Stanislaw, tal como um camaleão, é chamado de diversas formas: Lau, Lauro, Dr. Lauro, Stanislauro, Stanelei e, por fim, Dr. Wanderley.

O conto começa com o narrador a confabular com o leitor a respeito do título “O Bem”, dizendo que esse termo não se refere à virtude do bem e da convivência entre os semelhantes, preconizado pela igreja e teorizado pela filosofia. Trata-se somente do apelido de um “conhecido” a quem precisou recorrer por diversas vezes.

O fato desencadeador de toda a narrativa é que Bem, apesar de ser um simples “desentupidor de privadas”, passou a fazer uma diferença enorme na vida de Lauro, alcunha que utilizaremos para identificar o narrador personagem, como se delineia no trecho abaixo:

O Bem, entrou na minha vida há algum tempo, de maneira puramente casual e, como às vezes acontece, teria depois uma importância que eu nem de longe poderia suspeitar que ele visse a ter. Uma importância, digamos, um tanto quanto estranha, mas... (VILELA, 2014, p. 46).

Na sequência, passa a expor as circunstâncias que o levaram a conhecer Bem: uma privada entupida cujo primeiro encanador sugeriu quebrar toda a parede e remover o piso a fim de resolver o problema. Arrasado com a notícia, no dia seguinte, no supermercado, encontra-se com Fernandinho, um colega e lhe conta

o problema. O mesmo indica “o Bem” para desentupir o vaso. A princípio, pensou ser uma brincadeira, porém o colega informou que apesar do nome ensejar inúmeros significados, tratava-se do “maior desentupidor de privadas do mundo” (VILELA, 2014, p. 50). Assim, ele liga para o encanador, pois tem a sensação de que Bem é a fórmula mágica para solucionar o problema consoante as inúmeras qualidades atribuídas a ele.

Ao refletirmos sobre o nome do conto “O Bem” podemos ensaiar algumas analogias. De um lado, o nome do personagem principal, que propositalmente é o mesmo do título, denota em razão da colocação do artigo definido “o” em letra maiúscula antes da palavra Bem, uma bondade. No entanto, ao fazermos uma leitura mais detida, conquanto o personagem possa deter essa característica, no conto a palavra guarda ainda o sentido de um de seus sinônimos: o bem enquanto benefício proporcionado, nesse caso ao dono do escritório, o Dr. Lauro. Primeiro um benefício no que concerne à restauração da privada sem estragos na parede e, portanto, menor custo. E, no decorrer da análise, verificamos outros tipos de bens; agora no sentido de favorecimentos, proveitos, utilidades e vantagens que se delineiam na narrativa.

Assim, embora a sugestão de leitura ensejada pelo título leve o leitor a intuir o caminho de leitura a ser seguido, o narrador personagem faz questão de elucidar que não:

Não, não, já vou logo dizendo para evitar equívocos: o Bem do título, o Bem com maiúscula, não se refere a essa coisa etérea e sublime de que nos falam as religiões e filosofias essa coisa que deveria ser o objetivo a perseguir em nossas vidas, na convivência com nossos semelhantes. Não. Não é isso... (VILELA, 2014, p. 46).

Ainda que o narrador personagem ratifique que não se trata desse bem, por outro lado, o nome também nos leva a intuir a superioridade do encanador como alguém que excede em qualidade

naquilo que faz. Não obstante a ambiguidade proposital, a brincadeira com a linguagem revela que a escolha do título e nome do personagem teve o intuito de enaltecer os benefícios da entrada de Bem na vida de Stanislaw, ou Lauro.

Assim, após o advogado contratar o serviço do referido encanador, fica estupefato ao constatar que o vaso foi desentupido sem “quebrar nada” e assevera para a secretária que o achou um mágico: “Não”, eu disse, “ele não é um artista, ele é um mágico. [...]” (VILELA, 2014, p. 53),

No encontro para o acerto do trabalho, o doutor descobre outras semelhanças entre ele e Bem, além da coincidência entre os vários nomes pelos quais são chamados: o fato de terem a mesma idade e nascerem no mesmo mês, agosto.

A partir dessas informações o leitor astuto pode fazer inferências que vão desde os nomes utilizados para nomear as personagens até a causalidade do nascimento, fatos esses que denotam as alegorias presentes no conto. O mês de agosto, por exemplo, é denominado pelas credices populares como de agouro. Esse presságio se intensifica pelo fato de Bem ter nascido exatamente no dia 13 de agosto, número cuja simbologia é atribuída ao azar. Não obstante o Doutor Lauro, (narrador personagem) se diga cético, evidencia na narrativa essas coincidências: também nasceu em agosto, embora no dia 23. Assim nos parece que o fato dos personagens Bem e o Dr. Lauro nascerem no mesmo mês, prenuncia e antecipa ao leitor o presságio das adversidades pelos quais irão passar.

Mágicas, pressentimentos e coincidências à parte, o advogado volta outras vezes a utilizar-se dos serviços do encanador, indica-os aos colegas e, assim, se tornam amigos. Porém, embora haja tantas semelhanças entre eles, o conto em suas entrelinhas nos dá pistas de que, na vida real, o pobre “desentupidor” tem uma rotina bem diferente do Dr. Lauro: seis filhos, uma mulher brava, vizinhos broncos e perigosos.

Essa realidade contrasta com a vida aprazível do doutor, visto que ele mora sozinho, tem um apartamento agradável, não tem filhos nem esposa, e, provavelmente, sua vizinhança é calma. Informações essas inferidas a partir das descrições do ambiente a serem oportunamente citadas.

Contudo, a pretensa “vida boa” do Dr. Lauro se desmorona quando compra um carro zero e uma moto o abalroa. A raiva pelo acontecido lhe aflora o desejo de ter alguém para compartilhar sua cólera, mas, ligaria para quem? Namorada? Amigo, parente? Essa é a primeira vez em que se apercebe de sua condição solitária porque o choque da moto em seu veículo o incomoda tanto que surge o desejo de desabafar com alguém. No entanto, em sua própria casa, encontra apenas o eco das paredes e surge o impasse: com quem conversar? Então resolve ligar para o Bem:

O Bem atendeu:

“Alô?...”

“E aí Bem”, eu disse. “Tudo em ordem?”

“Em ordem?...” , ele respondeu num tom irônico.

“O que houve?”, eu perguntei.

“Você tem de me perguntar é o que não houve”, ele disse.

“Algum problema?”

“Vários...” (VILELA, 2014, p. 56).

É a partir desse ato que toda a narrativa e o encadeamento dessa com o elemento solidão pode ser tecido, pois, somente após o encontro com o outro começa a perceber o quanto é afortunado em todos os sentidos. Conquanto esse mesmo motivo (de se perceber afortunado), o leve a entender sua própria solidão. Todorov (1999, p. 4), em *A conquista da América, a questão do outro*, afirma que o “eu é um outro”, tendo-se em vista que esse eu não se encerra em si mesmo, nasce do contato com os outros:

Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu.

A percepção desse outro na narrativa ocorre quando o Dr. Lauro liga para “O Bem” com a intenção de desabafar e o encanador, por sua vez, aproveita o contato para discorrer todas as desgraças ocorridas naquele dia: “[...] desditas envolvendo ele, a mulher, os seis filhos, o cachorro, o gato e o passarinho – sem falar na casa, no quintal, nas plantas e tudo mais. Cada um, a seu modo e a seu tempo, com uma participação em algo ruim” (VILELA, 2014, p. 57).

Assim, instala-se a dialética, porque, ao passo que o advogado tem a ânsia de contar as agruras do dia como um consolo para seu descontentamento, vê esse desgosto ser minimizado de forma mais eficaz e sequer imaginada ao perceber que o ato de escutar o rosário de dores insuflados por Bem, lhe é de proveito muito maior. Isso porque, a desproporção entre as desgraças ocorridas com o encanador em relação à sua vida amena, o faz minimizar seus próprios problemas, vendo-os como infinitamente menores – nem tão irreversíveis assim, e num solilóquio indaga: “Que era um arranhão, pensei, que era um arranhão na pintura de um carro novo comparado a tudo aquilo que Bem contara? Nada, simplesmente nada. Segunda-feira eu mando arrumar - e pronto, não se fala mais nisso”. (VILELA, 2014, p. 58).

A ironia do destino é que o próprio Bem, como num reverso da medalha, é quem fica mais feliz em poder desabafar os problemas da vida familiar cotidiana: “Mas foi bom você me ligar”, ele disse, resignado, porque eu pude desabafar, e agora até me sinto melhor...” (VILELA, 2014, p. 57).

Perceber a insignificância e a pequenez diante dos fatos da vida constitui a compreensão essencial da existência por Lauro, pois finalmente descobre o quanto sua vida é confortável e afortunada:

Peguei o meu copo e a garrafa de uísque, pus uma generosa dose, duas pedrinhas de gelo, e voltei a sentar-me. Depois de descalçar os sapatos, olhei ao redor, para a minha sala, meus móveis, quadros, lustre e pensei: “Pombas! Minha vida é ótima! Como eu não vi isso antes?” Vira, vira sim, é óbvio; mas não, digamos, com aquela clarividência – e com aquele prazer... (VILELA, 2014, p. 58).

Análise comparativa dos contos

O analisarmos o conto “O Bem”, constatamos que, tal como em “Zoiuda”, são as cenas corriqueiras da vida que despertam e abrem os olhos das personagens para enxergarem o mundo sob prismas diferentes. Princípios pelo personagem de “Zoiuda”. Evidenciamos que o mesmo tem conhecimento de sua própria solidão, embora a vida agitada de professor não o faça perceber.

Todavia, é tão somente a partir do encontro trivial com a lagartixa o mote que lhe provoca e o faz olhar para si mesmo, para a angústia emanada da solidão, evento incitado por morar sozinho e não ter ninguém para conversar:

[...] Zoiuda passou a ser para ele uma... uma espécie de companhia. Afinal, num apartamento onde havia somente ele de gente e onde, por dificuldade em criá-los, não havia cachorro, gato ou passarinho, ela era uma presença, um ser vivo, a quem ele podia dirigir a palavra, embora não houvesse resposta [...] (VILELA, 2014, p. 11).

Esse acontecimento, aparentemente insignificante, constitui o eixo gerador da percepção do homem de sua própria solidão e o atinge de tal modo que, a partir desse instante, somente o réptil é capaz de lhe preencher o vazio, deixando-o menos solitário.

Assim, embora anseie compartilhar seus dramas, conquanto aspire amar e ser amado, sugere-se nessa sentença o medo do professor de se envolver sentimentalmente. Essas informações estão

subentendidas nas entrelinhas: sua necessidade afetiva *versus* a impossibilidade de amar, de se comunicar, observado por nós como a pergunta que viceja desde o início desse artigo: sou capaz de amar alguém? é possível alguém me amar?” (LUCAS, 2011, p. 12).

Sobressai-se então no conto “Zoiuda” o tema das relações humanas e a tensão provocada entre a vontade de amar e ser amado, e o medo, sentimentos que resultam na incomunicabilidade, um dos temas apontado pela crítica como recorrente na obra de Vilela.

Em “Teses sobre o conto”, Ricardo Piglia afirma que “a história é construída com o não dito, com o subentendido e a alusão” (PIGLIA, 2004, p. 89). Exemplo disso, podemos inferir quando o homem em mais um dia de retorno à casa após uma noite no bar, se surpreende com o fato da lagartixa ter sumido: “Essas mulheres...” disse. “A gente não pode mesmo confiar...” (VILELA, 2014, p. 9), e deixa subentendido o receio desse homem em amar, pois as mulheres não lhe inspiram confiança. Ainda pautados na citação, depreendemos ser proposital a comparação do réptil e seu hábito de sumir, a comportamentos clássicos às mulheres.

Nesse sentido, metaforicamente a fala do personagem ainda que em relação ao réptil, reflete sua visão estereotipada das mulheres. Mas, em vez de escancarar esses valores, o narrador insinua. Porque, caso essa presunção estivesse escancarada, empobreceria a narrativa e o que confere graça ao conto, é exatamente o ato de comparar o sumiço da lagartixa a um ato comum às mulheres. Ao parodiar levemente tal estereótipo, faz o leitor rir.

Além disso, o acontecimento vindouro – o fato de se deparar com o sumiço da lagartixa após uma viagem – serve como elemento que aprofunda sua solidão. Isso porque, mesmo que tivesse consciência de sua solidão desde o início do conto, só se apercebe de sua condição ao se ressentir da partida da única companheira (ainda que assim admitisse que tais comportamentos fossem próprios às mulheres). Desse modo, sua escolha é fingir indiferença diante do fato:

Sentiu ele falta de Zoiuda? Imagine, imagine um homem sentir falta de uma lagartixa...Claro que não sentiu. Mas sentiu – tinha de admitir – que aquele apartamento ficara um pouco mais vazio e aqueles fins de noite um pouco mais tristes”. (VILELA, 2014, p. 11).

Apontados os elementos ensejadores da solidão, ou seja, o descobrir-se enfim um ser solitário, bem como a importância do outro na tentativa de amainar esse sentimento de isolamento retratados nos dois contos, há ainda que tecermos considerações sobre o vazio.

Chevalier & Gheerbrant, em *Dicionário de símbolos*, conceituam o termo vazio como “caminho que vai em direção ao interior, o caminho da verdadeira vida” (CHEVALIER&GHEERBRANT, 2015, p. 932), o descobrir-se a si mesmo, ou sua própria condição. Essa definição pode ser aplicada ao professor em “Zoiuda”: “[...] conversas e bebidas só serviam para matar o tempo e para matar dentro dele alguma coisa que ele não sabia bem o que era, mas que sabia ser essencial [...]” (VILELA, 2014, p. 8) – era o vazio.

Essa mesma definição de vazio aplica-se também ao narrador personagem do conto “O Bem”, pois foi necessária uma desgraça para que o mesmo pudesse ver e ouvir o outro e finalmente ver-se a si mesmo, indo, portanto, em direção ao caminho de sua própria vida, um ser que se sabia errante – um ser vazio.

Nesse sentido, os elementos solidão e vazio serviram para que o doutor finalmente refletisse e olhasse o mundo à sua volta, contemplasse a magnitude de sua vida e quão de fato era feliz. Ainda sobre o vazio, Chevalier & Gheerbrant (2015, p. 932) afirmam que esse: “[...] significa libertar-se do turbilhão de imagens, desejos e emoções”. Deste modo, presume-se que a solidão e o vazio serviram para que o Dr. Lauro finalmente se desprendesse de sentimentos como a ansiedade e as reflexões existenciais que nos rondam todos os dias.

No tocante ao conto “Zoiuda”, esses mesmos sentimentos (solidão e vazio) enfatizam ainda mais a temática contemporânea do esvaziamento do sujeito, do ser cindido, fragmentado. Para essas sensações, o personagem procura no bar algum lenitivo, contudo percebe que o vazio nunca se esvai. Portanto, a lagartixa, a presença dela, constitui essa ideia do “outro” e exerce na narrativa oportunidade ímpar do professor em preencher essa angústia.

De fato, nesse caso, a lagartixa funciona na narrativa como a única presença que tem o intuito de “[...] ocupar um lugar no vazio da vida do personagem”, conforme atesta Vilma Costa (2014, p. 1). Por sua vez, Wania Majadas ressalta que um dos eixos temáticos na obra de Luiz Vilela é a solidão humana e “[...] para retratar a solidão, produto da inadequação do ser diante do mundo, recorre, inúmeras vezes, a figuras com hábitos estranhos, às vezes inexplicáveis, principalmente personagens masculinas”. (MAJADAS, 2011, p. 138).

A partir da leitura do trecho evidencia-se que nos dois contos prevalecem essa inadequação das personagens retratadas, seja em Zoiuda, pelo hábito do professor de conversar com a lagartixa – na esperança de que essa lhe preencha o vazio, seja na pessoa do Dr. Lauro em sua procura irrequieta pela personagem Bem, cujo costume estranho passa a ser o de repetir compulsoriamente ligações para o encanador.

Diferente do protagonista de “Zoiuda”, que, desde o início do conto revela sua consciência relativa à própria solidão ao ratificar que mora sozinho. O vazio decorrente expressa-se na mesmice de todos os dias na mesa do bar e a solidão se intensifica quando a lagartixa some. Enquanto que a sensação de vazio presentificada em Lauro, do conto “O Bem”, somente é percebida quando, a personagem, em sua sala luxuriosa, constata que, mesmo possuidor de bens materiais, não tem ninguém com quem dividir os infortúnios de sua vida. Somente a partir desse instante retira o véu dos olhos e enxerga a necessidade do outro: então telefona para Bem.

Contudo, advertimos que o doutor, ao realizar as contínuas ligações, não tem a intenção de amizade, sequer a disponibilidade em ouvir as agruras do encanador, essas virtudes não lhe são inerentes. Esses sentimentos não se coadunam com sua personalidade egoísta conforme intuímos pelas entrelinhas:

Às vezes as coisas não eram tão graves, nem prestava eu muita atenção, já que, convenhamos, aquilo não tinha para mim nenhum interesse. Mas o tom da voz de Bem – um tom muito peculiar, que eu não tenho naturalmente como reproduzir aqui, no papel – já me embalava como uma música, já me fazia bem. (VILELA, 2011, p. 59).

Isso porque o desejo dele inicialmente é o de ter alguém para contar os problemas cotidianos. Entretanto, gradualmente esse anseio passa a ser de outra natureza: o de sorrir e sentir prazer com a descrição das desgraças do outro. Logo é a partir desse ato sádico que se encontra consigo mesmo. Ver o sofrimento e as dores de Bem, propicia que ria de si mesmo, de suas dificuldades, essas agora, ofuscadas ante o sofrimento do encanador.

Esse ato somente se torna possível no instante em que escuta e percebe que as adversidades enfrentadas por Bem são maiores que as suas. O doutor, embora tenha consciência desses fatos, volta sempre a ligar para o pobre encanador exatamente porque compreende que rir dos infortúnios do outro, minora as suas próprias desditas.

Deste modo, o ato de ligar reiteradamente todos os dias para o desentupidor de pia e ouvir a sua “vida desgraçada”, se torna uma espécie de compulsão desejada, um hábito estranho ansiado, esperado e reiterado:

Era isso, era isso, porém me perguntei um dia, era isso uma coisa decente? Era? Não, não era, não podia ser...Fiquei um bom tempo refletindo sobre a questão. E aí, num repente eu decidi: “Não vou mais telefonar

para o Bem”. Pronto. “Não vou”. A menos, é claro, que fosse para algum serviço, meu ou de outrem. Nem quinze dias, entretanto, se passaram quando, muito chateado por algo afinal de contas irrisório – *What can I do?* –, eu quebrei a minha promessa e – *What could I do?* – novamente liguei para o Bem (VILELA, 2014. P. 59).

Por outro lado, as ligações rotineiras parecem estabelecer entre os mesmos uma espécie de “novo contrato”, embora esse seja tácito. O fato é que Bem aceita esse contrato velado, momento único e ensejador da possibilidade, mesmo que ínfima, de também contar suas aflições cotidianas. Desse modo, ele passa também a ligar para Lauro:

“Não”, ele disse, “eu é que peço desculpa por ligar essa hora; ainda mais no domingo... Mas é que...você é meu amigo, você sempre me escutou nas minhas dificuldades, escutou com a maior paciência, a maior boa vontade; e então...” (VILELA, 2014, p. 68).

Assim assinalamos que cada um desses personagens, seja do conto “Zoiuda” ou de “O Bem”, procuram e anseiam estabelecer sentido para a vida, para o absurdo da existência, algo que lhes preencha o vazio, ou, como prefere Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 932) ao conceituarem o termo: “Esvaziar [...] significa libertar-se do turbilhão de imagens, desejos e emoções; é escapar da roda das existências efêmeras, para só sentir a sede do absoluto”.

Nesse sentido, o vazio teria o sentido do caminho que vai em direção ao interior. Essa assertiva se inscreve em relação ao conto “O Bem” do momento em que o Dr. Lauro retira o véu de sua ignorância e avalia as semelhanças e diferenças entre ele e Bem. É a partir dessas inferências que a narrativa passa a descrever os contrastes entre os “conhecidos”, e funciona na narrativa como propícia à ponderação:

O melhor de tudo é que o aborrecimento, o do arranhão no carro, que iria certamente arranhar meu fim de semana, desaparecera por completo. E eu ainda pensei – de forma um pouco grotesca, reconheço –, eu ainda pensei: o maior desentupidor de privadas do mundo desentupira também o meu espírito. (Ou deveria, coerentemente, dizer “a privada do meu espírito”?...) (VILELA, 2014, p. 58).

Deste modo, pode-se afirmar como o próprio Dr. Lauro concluiu que Bem “é o remédio, a fórmula mágica”, a solução para as intempéries da vida. E, por esse motivo, a retomada das ligações nos momentos em que se sente solitário ou que lhe assola o mórbido desejo em ver expostas as mazelas infinitamente maiores acometidas ao encanador em seu cotidiano.

Assim depreendemos que as contínuas ligações estabelecem um novo “contrato” e (re)conhecimento entre os dois, pois esse fato novo (ter prazer em ouvir as desgraças de Bem) cria uma espécie de “rede de apoio”, porque Bem, por sua vez, igualmente começa a se sentir aliviado em contar seus problemas a alguém.

Mas, ressalte-se: essa rede de apoio é muito mais rentável ao doutor porque as adversidades, as infelicidades vividas pelo encanador são sempre superiores às vividas pelo narrador personagem. Ligar passa a ser sinônimo de troca, ainda que perversa e constitui regozijo e deleite, um acalento aos seus ouvidos:

“E aí, Bem? Tudo bem?”, eu começava, brincando. Eu sabia que não, que não estava tudo bem, antes mesmo que ele me respondesse. Sabia que não estava e que, por uma espécie de impossibilidade ontológica, jamais estaria. Mas eu perguntava só para ouvi-lo” (VILELA, 2014, p. 59).

Esses homens que habitam os contos de Luiz Vilela, sejam os personagens de “O Bem” ou de “Zoiuda”, fazem parte de um todo, de uma coletividade e mesmo sob essa condição, se deparam

sozinhos. Verificamos nos dois contos analisados um confronto entre a consciência individual e social tecida por meio de seres fragmentados e jogados no turbilhão da sociedade. Esse embate entre a consciência individual e a social, esboçado nas narrativas, aponta para o tema da solidão, tão frequente em nossa contemporaneidade.

Portanto, a aparente banalidade, esses “não ditos e subentendidos” preconizados por Piglia (2004), são implodidos nos espaços urbanos presentes nos dois contos e servem para revelar as dores coletivas de uma sociedade cindida, fragmentada: seja ela representada pela solidão e o vazio do professor, seja nas angústias do encanador ao fim de cada dia. Retrata ainda, o vazio emanado do solitário doutor ao perceber que, o ato de ouvir as desgraças do outro, minimiza seus próprios problemas advindos do caos urbano. Nesse sentido, é perceptível que também se manifesta nos contos a necessidade do outro, sendo ele uma pessoa ou um animal.

A presença do outro no texto retoma essa ideia própria à sociedade contemporânea, viés que, de forma crítica e irônica, Vilela soube explorar. Desta maneira, como consequência desse esfacelamento nas relações humanas propiciadas pela pressa hodierna e que deriva também da incomunicabilidade, sobejam indivíduos perdidos.

Assim, o personagem de “Zoiuda” simboliza os efeitos dessa sociedade fragmentada, acelerada, em que não há tempo para relacionamentos estáveis, dada as relações se mostrarem volúveis, frágeis, tênues. Por esse motivo, o professor se serve do outro, ainda que esse outro seja uma lagartixa.

Igualmente no conto “O Bem”, o tema da procura pelo outro também é discutido nas entrelinhas por meio do personagem Bem, um homem simples e trabalhador, um cidadão comum perdido na multidão, “[...] um desses sujeitos que a gente encontra na rua, principalmente no fim do dia, ao término do horário comercial” (VILELA, 2014, p. 51) em meio ao caos da sociedade. Esse, por

sua vez, descobre no outro a oportunidade para discorrer os lamentos nunca ouvidos por alguém, embora esse fosse um desejo sempre acalentado.

Zygmunt Bauman (2007) ao retratar as relações na contemporaneidade (embora ele use o termo modernidade), define-as como líquidas já que nada é feito para durar, inclusive as relações humanas (BAUMAN, 2007, p. 13). Vejamos uma citação que ratifica nossa análise em relação à procura do outro diante da vulnerabilidade do homem, das relações fugidias:

E no entanto, a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. É discutível se essas “comunidades-cabide” oferecem o que se espera que ofereçam – um seguro coletivo contra incertezas individualmente enfrentadas; mas sem dúvida marchar ombro a ombro ao longo de uma das ruas, montar barricadas na companhia de outros ou roçar os cotovelos em trincheiras lotadas, isso pode fornecer um momento de alívio da solidão (BAUMAN, 2003, p. 21).

Por outro lado Marshall Berman (2007), ao fazer uma leitura de Marx, usa, em várias citações de sua obra, a famosa frase “tudo que é sólido se desmancha no ar (BERMAN, 2007, p. 31). Deste modo, se tudo que é sólido, concreto, se desmancha no ar, os relacionamentos tendem a ser mais tênues, inconsistentes. Mas, não obstante essa fragilidade dos laços, instaura-se, ao mesmo tempo, a dialética do homem perdido entre o medo e o desejo de uma companhia. Logo, esse homem moderno, mesmo ciente da fluidez da vida, divide-se entre o “paradoxo e a contradição” (BERMAN, 2007, p. 21).

Essa dialética advém pelo fato dos homens estarem imersos no caos. Nesse sentido é o turbilhão cotidiano que inflige essa efemeridade aos laços humanos em nossos dias e, parafraseando

Berman, os seres humanos, ao se perceberem submersos nessa desordem constata e ao mesmo tempo se ressentem de que não há mais lugar para “[...] relações fixas, enrijecidas [...] porque essas foram banidas”. (BERMAN, 2007, p. 31)

Isso porque o turbilhão da vida moderna, e até mesmo os avanços embora tragam muito prazer, ao mesmo tempo “ameaçam destruir tudo o que temos” (BERMAN, 2007, p. 24). Assim o teórico após sua leitura de Marx e ampliando os conceitos conclui que diante dessa ambiguidade, o homem teria fatalmente que “[...] enfrentar as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos” (BERMAN, *apud* MARX, 2007, p. 31).

Ao fazermos essa leitura, depreendemos e fazemos inferências entre os diversos relacionamentos retratados nesse artigo, ao começarmos pelo Dr. Lauro. Se a princípio a solidão retratada na vida do advogado parecia distinta da solidão do professor, é tão somente porque ele, mesmo consciente de sua solidão, descobre em Bem uma válvula de escape. Essa ocorre a partir desse “abrir de olhos” para outras pessoas e temáticas sociais à sua volta. Só então se apercebe como alguém sortudo. A revelação o faz enfrentar um relacionamento ainda que frio e tênue com seu companheiro humano por meio das ligações sucessivas.

Nesse sentido, o elemento solidão, no caso do doutor, ganha novo relevo a partir da meditação em sua sala, ao se sentir afortunado em sua poltrona confortável, com seus quadros e lustres caros e um copo de uísque a lhe selar as elucubrações. Por outro lado, e em tese, Bem nunca usufruirá ao menos a chance para tais reflexões posto que, ontologicamente, ele jamais a possuiria.

Deste modo, a incomunicabilidade humana decorrente do vazio e da solidão, é tema recorrente nos dois contos. No conto “Zoiuda”, a incomunicabilidade e a solidão são latentes. Assim, resta ao professor apenas a leveza indelével de conversar com a lagartixa a lhe preencher o vazio, mas o elemento solidão além de se intensificar, permanecerá após a partida do réptil.

Ao passo que, no conto “O Bem”, a solidão se acentua quando o doutor Lauro se vê perplexo diante das problemáticas vivenciadas pelo encanador. Do mesmo modo, esse, mesmo em meio a uma família numerosa, aparentemente não deveria se sentir solitário, mas também o é, pois, como poderia conversar e (novamente a incomunicabilidade) ou até mesmo causar qualquer espécie de atenção ou ternura nas pessoas da mesma classe social que o rodeiam e alheios a essas problemáticas?

Essa assertiva pode ser plausível na medida em que, a partir das descrições de Bem, visualizamos nas entrelinhas que sua família não perderia tempo em abstrações, sequer um diálogo sociável. Um desses indícios pode ser visualizado na descrição da esposa, uma pessoa teimosa, que não aceita conselhos e muito menos é detentora da capacidade de lhe ouvir ou entender: “Ela é uma cabeça dura”, ele disse. “A cabeça dela é mais dura que pedra. Ali não entra nada” (VILELA, 2014, p. 62).

Esse diálogo insinua a irascibilidade humana expressos na figura da mulher e revela em sentido implícito uma pessoa apática, agastada em seu dia a dia de pobreza e cansaço. E, como consequência, incapaz de ouvir os problemas de Bem, muito menos de tentar lhe entender, conforme captamos do diálogo:

“E ela vai entender isso?”

“Qual a dificuldade?” eu perguntei.

“Às vezes”, ele contou, sem me responder, “às vezes o gato está lá dormindo, quietinho, ela chega e espeta ele com o dedo: ‘Acorda, sô! Chega de ficar dormindo!’”

“Ela faz isso?”

“Você que não sabe: ela faz coisa muito pior”. (VILELA, 2014, p. 61).

A partir desse episódio depreendemos que a esposa jamais seria capaz de compreender o esposo ou sequer lhe escutar os problemas, nem mesmo se propor a qualquer conversa pois, vive

maquinalmente os cansaços e afazeres de dona de casa de todos os dias (ela também deve ser só, mas isso é assunto para outro artigo). Assim, em relação a Bem, vige a incomunicabilidade, fato que aguça no encanador a necessidade e expectativa pela ligação do Dr. Lauro, ocasião única e ansiada.

Temos ainda como agravante em relação a Bem, o fato de sua casa ser contornada por vizinhos perigosos, certamente nem um pouco interessados nas dificuldades de sua vida em meio à balbúrdia do cotidiano, muito menos de empreenderem diálogo, aspectos que contrastam com os vizinhos do apartamento abastado de Lauro:

“Você não conhece o meu vizinho.”

“Quem é ele?”, eu perguntei.

“O Tonhão”.

“Tonhão...?”

“Não ouviu falar?”

“Não, eu disse.

“Tonhão. Ele é que é o meu vizinho. Um cara grosso. E ainda por cima, violento. Dizem que ele já apagou dois” (VILELA, 2014, p. 65).

Portanto, as conversas telefônicas travadas com o eminente Dr. Lauro passam também a serem de especial interesse para o encanador, posto que propicia um momento adventício para o desabafo, de compartilhamento de angústias, sentimentos, medos e dificuldades cotidianas. Da mesma forma, o doutor, ainda que tenha uma casa suntuosa e situação econômica abastada, também se vê sozinho, não tem com quem se comunicar, ou contar sobre os acontecimentos hodiernos.

Essa mesma ideia perpassa o conto “Zoiuda”, pois o réptil constituía “[...] uma presença, um ser vivo, a quem ele podia dirigir a palavra, embora não houvesse resposta – mas para que resposta? Não queria resposta, queria apenas falar apenas isso” (VILELA, 2014, p. 11).

Considerações finais

A falta de amor ou a melhor maneira de vivenciá-lo é o objeto proposto por meio da pergunta inicial desse artigo, pronunciada por Fábio Lucas e que o pesquisador Rauer Ribeiro Rodrigues deslinda de forma magistral: as histórias de Luiz Vilela demonstram “[...] nenhum personagem sabe viver o amor, parece inexoravelmente voltado para solidão” (2006, p. 142).

Após tecermos nossas considerações, verificamos em comum nesses personagens, seja em “Zoiuda” ou em “O Bem”, a intenção, mesmo que dialética, em sanarem ou minimizarem a solidão ao se aproximarem um do outro. Desse encontro, surge a esperança de preencherem o vazio que a sociedade em seu ritmo frenético impõe a todos.

Ao fazer essas correlações, podemos inferir que um dos projetos da poética de Luiz Vilela é o de problematizar o mundo moderno, ao retratar a incomunicabilidade, o vazio e a solidão do homem. No caso em tela, todos sozinhos dentro de suas próprias casas.

Esses elementos problematizados pelo autor seriam passíveis a partir da leitura depreendida de ressignificarem essas personagens na medida em que procuram um sentido para a vida, fato esse possibilitado por meio da convivência com o outro – seja ele uma pessoa ou um animal. E, pautados nesse viés, retomamos a pergunta: sou capaz de amar alguém, é possível alguém me amar? Sim, talvez essas premissas sejam possíveis e resultantes do encontro com o outro, é preciso ver o outro para ver-se a si mesmo.

Referências

BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

CHEVALIER J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva [et al.]. 28º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COSTA, V. Solidão povoada. *Jornal Rascunho*. São Paulo, junho de 2014. Ensaios e resenhas, p. 01. Disponível em: <http://rascunho.com.br/solidao-povoada/> em 11 de julho de 2018.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003.

LUCAS, F. Perspectivas ensaísticas. In: Majadas, Wania de Souza. *O diálogo da compaixão na obra de Luiz Vilela*. 2ª ed. Goiânia: Editora PUC-GO / Kelps, 2011

MAJADAS, W. S. *O diálogo da compaixão na obra de Luiz Vilela*. 2ª ed. Goiânia: Editora PUC-GO / Kelps, 2011

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RAUER, R. R. *Faces do conto de Luiz Vilela*. Araraquara, SP, 2006. 1 v. 547 f. UNESP, Araraquara. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – FCL-Ar, Unesp. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/76965/recent-submissions> Acesso em: 04 de setembro de 2016.

TODOROV, T. *A conquista da América, a questão do outro*. Trad. Leila Perrone-Moisés. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VILELA, L. *Você Verá*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

RECEBIDO EM: 23/07/2018

APROVADO EM: 25/10/2018